

Páginas Redentoras: o jornal O Mossoroense e as devoções religiosas as cangaceiro jararaca nos anos 1970.

Marcílio Lima Falcão *

Resumo: Este artigo tem por finalidade problematizar a influência que o jornal O Mossoroense exerceu na década de 1970, durante as comemorações do cinquentenário da resistência, sobre as devoções espontâneas ligadas ao cangaceiro Jararaca, principalmente em relação a redefinição e contradição discursiva sobre a imagem de jararaca na coluna “Lampião em Mossoró”, de Lauro da Escóssia.

Palavras Chave: Imprensa, Religiosidade, Mossoró.

Résumé: Cet article a pour finalité problématizer l’influence que le journal “O Mossoroense” a exercer dans la década de 1970, pendant lês commémorations de lê cinquantenaire de la résistance, sur lês dévotions spontanées em connexion avec lê brigand Jararaca, em spécial sur la dévotion et la contradiction discursife coucernant à l’image de Jararaca dans la colonne journalistique “Lampião em Mossoró”, de Lauro da Escóssia.

Mots-Clé: Press, Réligiosité, Mossoró.

Batismo de Fogo: Chuva de Balas no País de Mossoró

Junho em Mossoró é tempo de transformação, momento que as autoridades locais e imprensa mossoroense investem e invadem os espaços da cidade com uma quantidade enorme de outdoor, bonecos de cangaceiros pelas ruas e avenidas, cartazes, panfletos, notícias nas emissoras de televisão, nas rádios e nos jornais impressos. A cidade é transformada, ganha outros ares, deixa de ser cidade: vira o País de Mossoró. Dessa forma, a festa “Chuva de Balas no País de Mossoró” comemora a resistência mossoroense a invasão do bando de Lampião, em 13 de junho de 1927.

Durante as festividades permitem a leitura e comemoração da glória que banhou Mossoró como uma cidade, ou melhor, um País, cujo heroísmo e civismo são tidos como características indelévels.

O evento liga os mossoroenses com o acontecimento de 1927, mas o que chama atenção é a peça teatral¹ que busca reconstituir o ataque dos cangaceiros e a resistência dos mossoroenses. Esta, por sua vez, mostra a construção das trincheiras e o combate entre

* Mestrando em História Social pela UFC.

¹ Faz parte do Chuva de Balas no País de Mossoró, evento organizado pela Prefeitura de Mossoró durante o mês de junho. Durante a festa, em 2004, o espetáculo (como os organizadores chamam a encenação do ataque dos cangaceiros) foi dirigido por João Marcelino que segundo a reportagem de O Mossoroense (13-06-2004) “idealizou para este ano um espetáculo mais movimentado e com pitada de saudosismo. Para isso, o diretor decidiu valorizar mais ainda as cenas de combate entre resistência mossoroense e os cangaceiros”.

mossoroenses e cangaceiros, onde Colchete e jararaca², membros do grupo de Lampião são respectivamente morto e preso.

Essa comemoração levou a uma indagação: Como essa festa se constitui em instrumento de construção de uma identidade mossoroense?

Esse questionamento foi ampliado em novembro (2004), quando li a reportagem do jornal O Mossoroense³ sobre o “Culto aos mortos: milhares de pessoas irão aos cemitérios no dia de finados”,

Pelos anos de experiência como coveiro, Jocean Felipe dos Santos acredita que hoje o túmulo mais visitado continuará sendo do ex-cangaceiro jararaca, do bando de Lampião. Na tarde de ontem já havia algumas pessoas cultuando o seu túmulo. Jararaca até hoje é tido como um santo milagreiro. “Meu marido já fez pedidos para ele e deu certo. Há vários anos venho até o túmulo dele orar e pedir graças”, confessa a dona de casa Maria de Lurdes.

(O Mossoroense 02-11-2004)

Com essa reportagem apareceram outras indagações: O que teria influenciado na construção dessa santificação? Quem eram esses devotos? Como viviam? Como entraram em contato com a história do cangaceiro e sua santificação? Que identificações teriam os levado a rogarem graças à jararaca?

Ao pesquisar nos jornais O Mossoroense e O Nordeste, evidenciou-se a importância da utilização de jornais como fonte de pesquisa histórica. Porém, seria ingênuo tomar os “periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas a bel prazer do pesquisador” (LUCA, 2005:116).

A documentação jornalística viabiliza ao historiador acesso a um tipo de fonte que possibilita análises dos discursos dos jornalistas sobre experiências do passado. Mas quando o passado, no caso a resistência mossoroense a invasão ao bando de Lampião e consequentemente a prisão e morte do cangaceiro jararaca, é retomado em outra temporalidade (no caso a década de 1970) como reprodução ou resignificação dos acontecimentos, temos um espaço para uma profícua análise dos discursos produzidos sobre

² Segundo Raul Fernandes, o nome de jararaca era José Leite de Santana, natural de Buíque, Estado do Pernambuco. Solteiro, 26 anos. Alfabetizado.

³ Jornal foi fundado por Jeremias da Rocha Nogueira em 17 de outubro de 1872. Apresentava-se como representante do Partido Liberal. Em Mossoró, correspondia aos interesses da maçonaria e sofria forte oposição do Partido Conservador local, dirigido pelo padre Antônio Joaquim Rodrigues. Essas rivalidades políticas se estenderam aos posicionamentos doutrinários e religiosos, e marcaram um fato interessante, envolvendo o pároco mossoroense e o dono do O Mossoroense. Segundo Cid Augusto da Escóssia Rosado, no livro Síntese Histórica de O Mossoroense, o diretor do jornal O Mossoroense (Jeremias Nogueira) levou seu filho (João da Escóssia) para ser batizado com o nome de João Batista da Rocha Nogueira, mas o padre não aceitou realizar a cerimônia, por que Jeremias e o padrinho eram maçons. Sendo assim, ele levou o seu rebento para a 24 de junho (Loja Maçonica) e lá o batizou com o nome do patrono da “Ordem Escosseza Antiga e Aceita, São João da Escóssia”.

este passado que “incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001:75), permitindo ao historiador, na prática de seu ofício, buscar novas metodologias para a compreensão histórica desses sujeitos. Assim, a história, enquanto processo, amplia o entendimento em relação às ações desses homens em suas múltiplas práticas cotidianas.

O ataque dos cangaceiros a Mossoró tem amplo significado: aumentou as perseguições⁴ que as forças oficiais faziam aos cangaceiros e serviu para a construção, por parte da elite local, de uma identidade que associa a resistência a “atitude heróica de Rodolfo Fernandes, - o então dinâmico e heróico prefeito, - conclamando seus munícipes a sustar as arremetidas do sicário, por de armas na mão para mais de 500 cidadãos, decididos a defender a cidade, a todo custo” (O Mossoroense – 12-06-1949).

Mesmo sendo uma notícia veiculada na década de 1940, ao retomar um discurso político (já ultrapassado) que nos anos 20 visava fortalecer o poder de coronéis como Rodolfo Fernandes, este mesmo jornal reproduz a construção de uma identidade de cidade da resistência, onde o heroísmo mossoroense é estendido a todos os habitantes da cidade, mesmo aqueles que se deslocaram ao litoral (em 1927) com medo de Lampião, que segundo O Mossoroense, é o “émulo da desordem e do crime, sincário de alma e de instintos lombrosianos, acolimado por um grupo de malfeitores e acoitado pelo vírus de um nefasto desregramento de políticos que infelicitavam o Nordeste” (O Mossoroense – 12-06-1949). Mantêm-se a visão que os cangaceiros são criminosos violentos que agem em contato com os coronéis.

Ao analisar o reforço, por parte do jornal, desses discursos pretéritos, não podemos esquecer que “uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente” (CERTEAU, 2007:34).

Percebe-se na reportagem acima que os adjetivos émulo, sincário e lombrosiano, utilizados desde o século XIX como forma de justificar atos extremamente cruéis que fogem a uma pressuposta racionalidade social, continuam como características inerentes aos cangaceiros, fato que entra em contradição com as reportagens das comemorações do cinquentenário da resistência (década de 1970) quando o mesmo jornal, através da coluna de Lauro da Escóssia procura retirar de Jararaca o estigma de lombrosiano.

No entanto, a elite local continua, através da imprensa, fomentando e reproduzindo a idéia que Mossoró, ao expulsar os cangaceiros, teve seu “batismo de sangue”(O Mossoroense

⁴ Billy Jaynes Chandler, no livro Lampião, o rei dos cangaceiros, utiliza uma reportagem do jornal O Ceará, de 21 de junho de 1927, comenta que poucos dias depois do ataque, uma tropa tri-estadual, de 500 soldados saiu em perseguição a Lampião.

– 12-06-1949), virou a terra da resistência, que expulsou Lampião, matou Colchete e prendeu Jararaca, “redimiu o Nordeste”(O Mossoroense – 12-06-1949).

Como podemos entender a retomada desse discurso? Um dos caminhos é entender que posturas norteavam os jornalistas do O Mossoroense quando reafirmavam o status que a cidade se revestiu como a salvadora do nordeste. Temos uma situação bastante significativa, pois no momento em que são redefinidos os posicionamentos do jornal sobre os fatos de junho de 1927, também são indagados os acontecimentos que marcaram a prisão e o assassinato de Jararaca pela polícia mossoroense.

Se as reportagens desde os anos 40 continuam batendo na tecla do heroísmo, nos anos 70, ganham um outro teor: queriam institucionalizar a data (13 de junho) como feriado e ampliar os festejos sobre a resistência. Verifica-se as rupturas nos posicionamentos do jornal em relação ao cangaceiro jararaca, que ganhava as atenções populares, pondo os resistentes vitoriosos (representados por Rodolfo Fernandes) em segundo plano, pois no imaginário popular jararaca fora santificado, seu túmulo transformado em espaço sacralizado, lugar de visitação e de conflitos discursivos. As marcas daquela invasão ainda estavam presentes, não apenas nos espetáculos oficiais, sobretudo no cemitério.

Cinqüentenário da Resistência (1927-1977)

A década de 1970 transforma-se em momento para rediscutir a resistência à invasão dos cangaceiros a cidade de Mossoró, principalmente quando esta completaria 50 anos, em 1977. Fato que congregou diversas pessoas ligadas às instituições locais (Igreja, Prefeitura, Escolas e Jornal⁵).

O Mossoroense editou dezessete reportagens em uma coluna chamada: Lampião em Mossoró, e assinada por Lauro da Escóssia. Nessa coluna aparecem as invasões as cidades circunvizinhas⁶, a preparação para resistência⁷, a troca dos bilhetes sobre o dinheiro que

⁵ Entre os grandes articuladores dessa comemoração estão Pe. Sátiro Cavalcante, diretor da Escola 13 de junho; O Colégio Diocesano Santa Luzia que pertence a Paróquia de Santa Luzia, pois a diocese em Mossoró só será criada em 1936; Participação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, esta representada pelo reitor Elder Heronildes da Silva, na época escrevia para o jornal O Mossoroense; João Newton da Escóssia, então prefeito municipal e o jornal O Mossoroense, ligado à maçonaria, propriedade da Família Rosado. Mesmo tendo vendido o jornal em 1975, Lauro da Escóssia, jornalista que entrevistou jararaca na prisão, em 1927, participa das comemorações com uma coluna no O Mossoroense.

⁶ Segundo Raul Fernandes em 10 de maio de 1927 a cidade de Apodi foi atacada por Massilon e no dia seguinte foi a vez do vilarejo de Gavião, hoje corresponde a cidade de Umarizal.

⁷ Essa preparação diz respeito à arregimentação de homens para pegarem em armas e posicionarem-se estrategicamente. Um dos fatores que contribuiu para essa defesa foram os meios de comunicação que

Lampião queria receber para não saquear Mossoró, a presença dos padres na organização das trincheiras, bem como notícias referentes a prisão e a morte de Jararaca.

Na edição referente aos dias 12 e 13 de junho de 1977, quando são apresentadas na mesma página as fotografias de Rodolfo Fernandes, de sua residência, transformada em trincheira, e a foto de Jararaca (ferido e preso na cadeia pública) com a seguinte indagação: Jararaca, santo ou demônio?

Os festejos duraram uma semana (07 a 13 de junho), foram organizados, tam bém, no intuito de fomentarem o turismo na cidade, pois a participação da Prefeitura Municipal de Mossoró na comissão do evento, através de João Newton da Escóssia (Prefeito e presidente da comissão) e Lauro Monte (assessor de turismo municipal) que em contato com instituições estaduais como a Fundação José Augusto (responsável pela produção e divulgação cultural estadual) e a Emproturn (Empresa de Turismo do Rio Grande do Norte) viabilizaram muitas atrações como o “grupo folclórico Boi Calemba (dia 09), os cantadores de xaxado vindos da Paraíba (dia 10), e a exposição do desenhista natalense Eliphaz Bulhões na Galeria de Arte Mossoroense – GAM (dia 11)”⁸.

Ao serem mobilizadas, as instituições educacionais incentivam o aumento das leituras⁹ sobre a invasão, através dos concursos musicais e poéticos colocavam em prática os objetivos das comemorações¹⁰. Abre-se um espaço para ouvir, contar e representar a vitória mossoroense. A utilização das escolas (13 de Junho e Colégio Diocesano) como espaços de (re)leitura do passado, favorece, nesse sentido, uma retomada das narrativas¹¹ do 13 de junho, mesmo sendo influenciada pelo “calor” do presente, era inevitável não falar e tocar nos relatos dos jornais e nas memórias dos contemporâneos do 13 de junho de 1927. É nesta retomada,

mapeavam e agilizavam as notícias sobre o possível paradeiro dos grupos (uso o termo grupos porque, que o grupo montado por Lampeão para atacar Mossoró, correspondia a união de alguns subgrupos comandados, por exemplo, por Jararaca e Massilon) e os ataques as cidades próximas. A experiência que os cangaceiros tiveram ao atacar Mossoró foi bastante diferente, uma vez que seus ataques eram sempre de surpresa, em lugares menores, que dispunham de pequena força militar, mas um dos principais pontos para o fracasso dos cangaceiros foi o tempo disponível que os mossoroenses tiveram para organizar a defesa. Com parcos conhecimentos sobre a estrutura da cidade e com os adversários bem posicionados, Mossoró se transforma em um frustrado momento para o grupo invasor.

⁸ Essa exposição foi uma promoção do jornal O Mossoroense, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (Instituto de Letras e Artes), além da Prefeitura Municipal. (O Mossoroense - 07-06-1977)

⁹ Com os concursos musicais, poéticos e a teatralização da invasão, os alunos dessas escolas e suas famílias passavam a vivenciar e produzir, através da leitura dos textos, das músicas e poesias seus discursos sobre a invasão, a resistência e os cangaceiros.

¹⁰ Entre os objetivos que as fontes nos permitem perceber: a institucionalização do 13 de junho, a busca pela reafirmação de Mossoró como cidade que redimiu o Nordeste dos cangaceiros e incentivar o turismo na cidade. Durante as comemorações foi realizada a feira de artesanato, aberta pelo secretário Otomar Lopes Cardoso (Trabalho e Bem Estar Social do Estado) – O Mossoroense -07-06-1977.

¹¹ Essas narrativas estão presentes nas reportagens feitas em 1927 nos jornais O Nordeste, O Mossoroense e Gazeta do Povo.

dentro das escolas e nas outras instituições, que ler, falar e encenar traz à tona a prisão e morte de Jararaca. A invasão é transformada no acontecimento, enquanto a resistência¹² transforma-se no fato histórico a ser lembrado e comemorado. Sobre essa distinção entre acontecimento e fato histórico, Certeau afirma que

O acontecimento é aquele que recorta, para que haja inteligibilidade; o fato histórico é aquele que preenche para que haja enunciados de sentido. O primeiro condiciona a organização do discurso; o segundo fornece seus significantes, destinados a formar, de maneira narrativa, uma série de elementos significativos. Em suma, o primeiro articula, e o segundo soletra (CERTEAU, 2007:103)

O Mossoroense continuava sua saga de exaltação a resistência, ponto central dos discursos produzidos na coluna de Lauro da Escóssia, em 1977. Entretanto a figura de Jararaca, nessa coluna, passa por modificações substanciais no que diz respeito a sua trajetória e aos olhares que o povo mossoroense (aliás, parte dele) concede a este cangaceiro: as devoções religiosas por graças alcançadas¹³.

O que estava por trás dessas tentativas de institucionalizar as comemorações referentes ao 13 de junho? Por que Lauro da Escóssia passa a reorganizar suas memórias sobre Jararaca?

O Mossoroense – Jararaca, santo ou demônio?

Mesmo a imprensa mossoroense querendo festejar a resistência, faz uma confusão em suas reportagens nos anos de 1970, ao reproduzir os posicionamentos tomados pelo clero mossoroense na década de 1920. Como fica claro na descrição feita pelo Pe. Mota sobre a morte dos bandidos Colchete e Jararaca (conforme livro de tombo da Matriz de Santa Luzia):

No tiroteio, foi morto em frente da Capela de São Vicente o terrível cangaceiro Colchete que tentou entrar na trincheira da casa do Prefeito Rodolfo Fernandes, ponto atacado de preferência pelos bandidos, que, infelizmente, era o mais fortificado. Também foi ferido o não menos cruel bandido Jararaca, neste mesmo lugar quando tentou retirar os despojos do companheiro morto, porém ferido, pode retirar-se e ocultar-se na ponte da ferrovia e denunciado foi preso no dia seguinte e confessado, foi justificado dias depois. (O Mossoroense – 01-06-1977)

¹² Nesse sentido, a prisão de Jararaca é um símbolo concreto da eficácia da resistência mossoroense. Quando os vendavais do medo do contra-ataque de Lampião passaram duas coisas ganhavam formas: a vitória dos resistentes e o julgamento que a polícia daria a Jararaca.

¹³ Na edição do dia 02 de novembro de 1976 (dia de finados), O Mossoroense traz uma reportagem sobre as visitas ao cemitério São Sebastião (Mossoró) com ênfase a quantidade de pessoas que visitam o túmulo de Jararaca.

Ao considerar a morte de jararaca como justiça, esse discurso entre em contradição com os posicionamentos que os jornalistas do O Mossoroense tomam na década de 1970, pois como revela a reportagem: “Flores, orações e lágrimas para os que fizeram a viagem”. Esse foi o título da edição de 2 de novembro de 1976 sobre o dia de finados no cemitério São Sebastião. Que continua apresentando os túmulos mais visitados

Vários, vários. Principalmente de pessoas que morreram em “odor de santidade” ou que, após mortas, passaram a ser veneradas como santas... Há casos e casos. Uma menina do Alto da Conceição (ou foi de São Miguel, mulher?) que sofreu muito, morreu virgem, a vida inteira sem gemer, sem reclamar, oferecendo tudo a Deus e a Nossa Senhora! Ou aquela jovencinha que morreu há muitos anos e cujos despojos não foram destruídos pelo tempo? pessoa de boa família local. Muita gente também vai rezar junto à cova daquele que, em vida, foi conhecido pela alcunha de Pata Choca. outros, pagam promessas diante do túmulo do cidadão José Leite de Santana, morto em 26 de junho de 1927 em Mossoró, nascido nos sertões de Pernambuco, mais conhecido pelo apelido de Jararaca, cabra de Lampião. preso durante o frustrado assalto a Mossoró, foi (teria sido) trucidado no dia seguinte, a sangue frio. Uns dizem até que foi enterrado vivo... por judiação. (O Mossoroense – 02-11-1976)

Na reportagem o cangaceiro jararaca é citado com seu nome de batismo – José Leite de Santana e ao mesmo tempo chamado de cidadão, fato que retira de sua imagem a alcunha de criminoso e que tenha sido justificado, mas vítima de um assassinato cruel e sem defesa. Como evidencia a coluna Lampião em Mossoró (nome da série de reportagens da coluna de Lauro da Escóssia, em 1977):

Uma cova estava aberta no local em que hoje está sepultado Jararaca. Para ali foi conduzido algema e sem mais dialogar, o cabo João Arcaño (falecido já este ano nesta cidade), deferiu uma punhalada no preso, seguido de uma coronhada pelo cabo Manuel Teixeira. Jararaca caiu esperneando na cova, dando grande urro. A ordem final partiu do Tenente Abdon Nunes para os soldados. – “Meninos, Joaquim areia nele”...” (informações prestadas por José Lins de Oliveira – funcionário municipal e na época detentor das chaves da penitenciária - ao jornal O Mossoroense – 08-06-1977).

Percebe-se que o jornal, ao analisar a atitude da polícia mossoroense (em 1927) como sendo bárbara e desumana a ponto da morte do cangaceiro ser vista como judiação.

Jararaca passa a ter características que o redimem dos males praticados, isso já tinha ocorrido no imaginário dos devotos que vão ao seu túmulo. Sua trágica morte aparece como o caminho que o conduz a um tempo sagrado, significando uma ruptura temporal e do mundo que o cercava, pois ao livrá-lo de sua trajetória transgressora, “realiza uma abertura para o Tempo Sagrado”. (ELIADE, 1991: 54)

As representações sobre sua imagem tornam-se visíveis no dia de finados ao praticarem suas orações, depositarem flores e acenderem velas em seu túmulo, transformado

em espaço sagrado, essas práticas representam a redenção do cangaceiro, e o conduzem ao Tempo Sagrado, que proporciona a abordagem de uma realidade impossível de ser alcançada no plano da existência individual profana.

Bibliografia

BLOCH, Marc. Apologia da História ou O ofício do Historiador. tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história; tradução de Maria de Lurdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. - 2. ed. –Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião, o rei dos cangaceiros; Trad. Sarita Linhares Barsted. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. – São Paulo: Martins Fontes. 1991.p.54.

FERNANDES, Raul. A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró. 6ª ed. Mossoró. Coleção Mossoroense, v. 1488. Série C, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). – São Paulo: Contexto, 2005.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. História do cangaço. 5 ed. São Paulo. Global, 1997.

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. Síntese Histórica de O Mossoroense. Coleção Mossoroense. Série B. n° 1224.1992.